

Na estrada poeirenta eram quatro da tarde quando Idiarte percebeu que estava perdido.

A estrada terminava em um rio. Por certo no mundo haveriam de ter mais estradas que no mapa. Em alguma bifurcação tomara o caminho errado, tomando o mapa pelo mundo.

Um abandonado galpão de telhado ruído e um calçamento já desfalcado de muitas pedras, à margem do rio, indicavam, talvez, que um dia ali houvera uma balsa. Ao longe uma pequena casa de madeira. Idiarte foi até ela.

Não havia cerca e os cachorros avançaram. Dois cachorros grandes e um pequeno. Latiam, mas mantinham uma certa distância. Idiarte tentou dar um passo e o maior deles rosnou. Voltou um passo atrás e o cachorro parou com o rosnar. Idiarte perguntou-se como os cachorros estabeleciam a exata distância que seria o limiar entre a mera ameaça e a ameaça real. Não havia como saber, era coisa de cachorros.

Da casa saiu um rapaz alto, com camisa de mangas arregaçadas e chinelos de dedo. Vestia uma rota calça de brim e na mão esquerda trazia uma espingarda. Ruivo, de barba por fazer, vociferou: “Se tu é do banco é melhor te arrancar, se não eu te mato!”. Os cachorros se acalmaram. Confuso entre o medo e o espanto Idiarte tentava encontrar palavras para se explicar, e, sem querer deu um passo à frente. O rapaz ergueu a arma.

Uma velha mulher de lenço da cabeça e vestido longo e floreado veio então detrás da casa. Fumava um palheiro. “Sai daí, fica na porta que eu falo com o homem.” O rapaz voltou atrás e ficou na entrelinha entre o interior e o exterior da casa, ainda com o dedo no gatilho da espingarda. Os cachorros sentaram ao seu lado, contudo mantendo um olhar atento.

“Não ligue não”, disse ela. “O Ernesto não é muito bom da bola não. Tá fazendo tratamento dos nervo lá com um especialista na cidade. Ele acha que todo mundo que chega aqui vai querer tomá nossa propriedade.”

Idiarte se explicou à velha mulher e ela lhe disse que a bifurcação errada fora a penúltima. Caso quisesse chegar ao Moinho Velho, teria de ter dobrado à esquerda. Idiarte agradeceu e se foi.

Ao ir embora viu pelo retrovisor do carro que a velha mulher permanecia à frente da propriedade, observando-o, e, agora ela, com a espingarda na mão.

Eram quinze para as cinco. No inverno, à estas horas, as sombras no sul já são longas e o crepúsculo começa lentamente a anunciar-se. Retornou até a segunda bifurcação e tomou o caminho indicado.

A tarde rapidamente caia e a luz cada vez mais dava lugar às sombras. A sua volta infíndas colinas recobertas por reflorestamentos de pinus. A estrada seguia na mais absoluta desolação do humano. Placas de companhias de celulose por vezes apareciam, mas casa ou gente, não.

Às cinco e meia chegou a uma outra bifurcação. Não estava assinalada no mapa. Tomou o caminho da esquerda. Ali havia uma escola que parecia abandonada, pois as tábuas das paredes em muito faltavam e o capim tomava o caminho da entrada. Nela, uma placa de 1969, indicando o nome do prefeito de então. Por detrás de escola, mais para a direita, um capão de mato e por sobre ele uma cruz.

Retrocedeu e tomou a estrada da direita. Cerca de duzentos metros adiante encontrou a sua esquerda uma igreja e à sua direita um cemitério. Um cemitério de túmulos, desalinhados e oblíquos. Rebocos descascando e deixando a mostra tijolos recobertos de musgos.

Do outro lado da estrada uma igreja de madeira aparentemente abandonada. Várias tábuas também faltavam. Sua cruz no alto do campanário – a cruz que vira de longe - estava tomada por barba-de-velho.

À frente da igreja uma outra cruz de concreto, ou mero cimento, Idiarte não saberia dizer. A cruz, inclinada para trás, tinha parte de seu braço esquerdo ocupado por três casas de forno.

Para sua inquietação Vênus já se anunciava a alguns graus acima do poente, embora o céu ainda estivesse azul e o sol ainda não se tivesse posto.

Acalmou-lhe, ao mesmo tempo em que o deixou inquieto, o perceber que a porta da igreja estava entreaberta. E que da fresta se filtrava uma luminosidade.

Sem saber o caminho a seguir e na esperança de encontrar alguém que lhe pudesse orientar, atravessou a estrada na direção da porta entreaberta.

Ao entrar na igreja percebeu que seu interior estava bem mais conservado que seu exterior. Havia velas acesas e os santos estavam cobertos por panos brancos. Fiel à sua infância concentrou-se a um pedido passível de ser pedido e concedido a aquele que entrasse pela primeira vez em uma igreja que nunca entrara. Fechou os olhos ao fazer o pedido, e quando os abriu percebeu, então, uma mulher sentada à esquerda da fileira também à esquerda dos bancos.

Foi até ela e tocou em seu ombro. Esta, surpresa, virou-se subitamente para ele.

Não houve como não reconhecer em seu rosto em parte recoberto por um diáfano véu, aquela mulher que raras vezes vira em sonhos. Uma mulher de serena beleza e brandura e que nos sonhos lhe despertara um misto de discreta e estranha lascívia e beatitude. Mas, ali, frente a ela, caso houvesse lascívia, esta rendeu-se à beatitude. Sentiu-se tomado de uma

serenidade tão grande, como se houvesse encontrado algo que sempre, mesmo sem que o soubesse, havia procurado.

A mulher nada falou, mas o tomou em seu regaço e o abraçou, como quem abraça uma criança. E Idiarte aceitou ser abraçado como uma criança.

Idiarte crê que adormeceu, pois de nada mais se recorda. Sabe apenas que acordou no outro dia, com extrema angústia, por entre os túmulos desalinhados e oblíquos do cemitério.